

ESPAÇOS EDUCATIVOS

## LITERATURA JUVENIL

### POTENCIALIDADES EDUCATIVAS

Caroline Amaral Amaral\*

No dia 18 de maio de 2016, a Retratos da Leitura no Brasil publicou alguns dados referentes ao ano de 2015. Esta pesquisa quadrienal feita pelo Instituto PróLivro, executada pelo IBOPE Inteligência, tem como uma das finalidades promover a reflexão e estudos acerca dos hábitos de leitura d@s brasileir@s, a fim de identificar ações mais efetivas voltadas ao fomento à leitura e o acesso ao livro.

Dentre os dados publicados nesta quarta edição da pesquisa, aponta-se que pessoas com idade entre 14 a 29 anos costumam ler pelo deleite. Os fatores que influenciam na hora da compra do livro, nesta mesma faixa de idade apontada, é o tema que o livro aborda. No que concerne ao gênero literário, as pessoas que mais buscam por livros de literatura juvenil têm entre 11 a 17 anos. Além disso, Retratos da Leitura Brasileira aponta que pessoas entre 14 a 24 anos costumam ler os livros que adquirem, mas não têm o hábito de ler os que estão disponíveis na escola/universidade. Outro dado da pesquisa é de que a maioria dos entrevistados e das entrevistadas preferem ler os livros de forma impressa, e usam a Internet para ler notícias e informações. Romances, poesias, dentre outros, são preferencialmente lidos por meio do livro impresso.

Trago tais dados da recente pesquisa do Instituto Pró-livro com a intenção de desmistificar um discurso que muitas vezes ouvimos e reproduzimos: jovens não leem! Acredito que diante dos dados produzidos pela pesquisa, podemos ver que jovens costumam ler sim. Não tenho a intenção de entrar no mérito da discussão fazendo juízo de valor a respeito da literatura que vem sendo lida pel@s jovens, ou seja, se são cânones da literatura ou produções da contemporaneidade, ou mesmo discutir se são ou não literatura, mas creio

---

\*Graduada em Letras Português, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (FURG).

que seja pertinente pensarmos que a literatura ainda tem o seu espaço com o público teen (basta pensarmos nos livros de Harry Potter, Saga Crepúsculo, a série Divergente, dentre tantas outras produções recentes).

Ainda sobre os dados divulgados pela pesquisa, vê-se que os livros que se encontram disponíveis nas instituições escolares são pouco procurados se comparados aos livros que são adquiridos pel@s leitor@s. Me valho de tal informação para sinalizar a você, professor e professora de Literatura, que talvez nós não sejamos os @S principais responsáveis pelo direcionamento e mediação de leitura do público teen (claro, muitas vezes somos nós que auxiliamos na formação enquanto leitor@s; mas hoje não somos @s únic@s “tutor@s” de suas leituras).

José Filho (2011) diz que precisamos pensar a literatura como uma produção que se constrói dentro da cultura, e não como um veículo à parte. Assim, toda a produção literária está relacionada com as produções, crenças, costumes e contexto histórico da sociedade. Pois, sendo ela um artefato cultural, está imbricada na rede de discursos que circulam socialmente. Então, a partir disso, convido você leitor e leitora a pensar a respeito das produções literárias juvenis contemporâneas que venho pensando hoje.

Noto que atualmente as editoras têm buscado lançar livros juvenis que abordam as questões de gênero e sexualidade de uma forma mais explícita. Não que os livros para @s jovens não tratassem de tais assuntos há 10 anos – por exemplo –, mas percebo uma nítida preocupação em tirar o assunto das “entrelinhas” e colocá-lo em foco. Resgatando o pensamento de que a literatura é produzida dentro de contextos históricos e culturais, podemos ver que existe um cuidado em escrever histórias que têm como protagonistas personagens lésbicas, gays, transgêneros, intersexuais... dentre tantos outros sujeitos que vinham sendo personagens secundários, coadjuvantes das personagens protagonistas. Com produções como Garota Atrevida, de Karine Dias, que aborda a questão da lesbianidade e Dois garotos se beijando, do autor norte-americano David Levithan, que retrata as questões da homossexualidade masculina, vemos que os sujeitos lésbicas, gays, intersexuais e transgêneros ganham voz para narrarem suas próprias histórias, saem do segundo plano e passam a ocupar o primeiro.

O livro Menino de Ouro nos possibilita pensar a respeito das normas de gênero que regem a nossa sociedade. A partir da história de Max Walker, um jovem de 16 anos que é

intersexual (o que costumeiramente classifica-se como hermafrodita, mas aconselho você a usar esta nova nomenclatura), que fora criado como menino e não realizou a cirurgia de reparação da genitália. É uma produção que sinaliza o quanto precisamos ser um sujeito de gênero, dentro da lógica binária, para sermos compreendidos enquanto sujeitos legítimos. Ou seja, você precisa ser homem ou mulher... e sua genitália tem que estar de acordo com o seu gênero. Será que é o pênis e a vulva que determinam nossa identidade de gênero? Além disso, o livro possibilita pensar a respeito do abuso, gravidez na adolescência... dentre outros temas que podemos abordar.

Uma bebida e um amor sem gelo, por favor, da autora brasileira Liliane Prata, conta a história de uma publicitária que sempre manteve relacionamentos heterossexuais... até o momento em que conhece Rafaela. Marina, a protagonista, vai dividindo com o/a leitor/a a angústia de compreender sua identidade sexual, e a partir disso podemos levantar a questão: por que temos esta necessidade de nos encaixarmos em um “caixinha”? Hétero, bissexual, homossexual... ao fim e ao cabo precisamos mesmo nos classificar e permanecer nesta categoria? Bom, acho que a Daniela Mercury diria que não.

Diante dessas “novas produções”, dessas outras personagens que saem dos papéis secundários e passam a assumir o papel de personagens protagonistas, por vezes narrador protagonista, é possível notar a possibilidade de dar visibilidade para essas “novas juventudes”, essas outras maneiras de viver o gênero e a sexualidade, que por vezes ficou silenciada na literatura juvenil (e mesmo em outros artefatos culturais) pela crença de que ao falar sobre tais temas se estaria “incentivando” a homossexualidade e transexualidade, por exemplo.

O livro Garoto encontra Garoto, de David Levithan, conta a história de um relacionamento amoroso entre dois jovens, mas creio que uma das personagens mais pontuais da narrativa é a Infinite Darlene, uma transexual que é do time masculino de futebol americano da escola e líder de torcida. Por meio dos amigos de Paul, personagem protagonista, temos histórias de jovens gays que não são aceitos pela família, jovens gays que possuem uma relação harmoniosa com a família e também relações heterossexuais abusivas... temas pertinentes para discussão em sala de aula, mesmo para recomendação de leitura para os/as jovens (para nós adultos também!)

Quando temos produções como Todo dia, também de David Levithan, é possível pensarmos nas múltiplas formas de ser jovem na atualidade, e que essas diferentes identidades

devem ser compreendidas e respeitadas, sinalizando a ideia de que a diferença deve ser fonte de aprendizagem com outro, e não justificativa de exclusões e preconceitos.

Bem, poderia escrever mais recomendações de livros... mas vamos nos encaminhando para o final, sim?

A literatura ainda possui espaço entre @s jovens, logo é necessário perceber que, além de pensar sobre os espaços por onde estão transitando @s jovens, é válido refletirmos sobre os livros que leem. Contudo, não digo isso com a intencionalidade de aconselhar “vigie a leitura d@s jovens”, mas convidá-los/las a abrir brechas para que estes “novos” livros ganhem espaço para debate, seminários e, por que não, sejam recomendados para leitura.

Encerro este texto defendendo a ideia de que estas produções literárias juvenis podem (e devem) ser vistas como aliadas para o seu trabalho, professor e professora. Antes de criticarmos a escolha literária d@s jovens, seria prudente compreender o motivo que o/a levou à escolha, pois pode ser que os livros sejam a possibilidade de lhes permitir viver aquilo que desejam, aquilo que são, mesmo que de forma “fictícia”.

## **Referências**

COLOMER, Teresa. A Formação do Leitor Literário: narrativa infantil e juvenil atual. São Paulo: Global, 2003.

FILHO, José Nicolau Gregorin. Literatura Juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011.